

A INTERNET SEGUNDO A TEORIA DO RÁDIO

Antonio Sergio Lacarte¹

Resumo

A Teoria do Rádio de Bertold Brecht será a base para uma análise política da internet. Este artigo pretende estabelecer um diálogo entre o texto de Brecht e o cenário atual da internet. Entre 1927 e 1932 Bertold Brecht produziu uma série de cinco artigos que foram chamados de Teoria do Rádio, neste trabalho usaremos somente dois deles, que são: O rádio como aparato de comunicação. O rádio: uma descoberta antediluviana. O rádio poderia ser receptor e emissor; não foi por uma questão técnica e sim por decisão político/comercial que o deixou somente como receptor e o conteúdo monopolizado pelas empresas e governos. Ele dizia que o rádio para ser verdadeiramente um veículo de comunicação deveria ser um aparelho de recepção e de emissão, algo visionário e que lembra e muito a internet. Com a análise desse diálogo da “Teoria do Rádio” com a internet, tentaremos responder a seguinte questão: A internet seria o que Brecht sonhava como meio de comunicação?

Palavras-chave: Brecht. Teoria do Rádio. Internet. Produção e Conteúdo Democráticos

Intrudução

Este estudo utilizará “A Teoria do Rádio” de Bertold Brecht como base para uma análise política da internet, pretende também estabelecer um diálogo entre o texto de Brecht e o cenário atual da internet, entendendo que temos correlações desses dois meios de comunicação e críticas à ideologia política e a conteúdos quanto à relevância e ou profundidade.

Para poder avaliar as ideias de Brecht sobre o rádio, é preciso conhecer alguns fatos que formavam o quadro alemão da época em que a radiodifusão iniciava em uma Europa politicamente conturbada.

Com o final da Primeira Guerra Mundial em novembro de 1918, o império Alemão está totalmente enfraquecido, assim como o Otomano e Austro-Hungaro, todos caem e assumem várias correntes. A Rússia se retira da Guerra antes do final e se torna socialista por meio da revolução Bolcheviques, os impérios Otomano e Austro-Hungaro pelo Tratado de

¹ Mestrando em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. slacarte@uol.com.br.

Versales se dissolvem e a Alemanha se torna a República de Weimar instalada após a queda do Império, em 9 de novembro de 1919. A República de Weimar formada por uma coalizão social-centro-democrata, estava apoiada por uma constituição progressista que estabelecia o sufrágio universal, representação proporcional, sistema parlamentar, defesa das liberdades básicas e direito a trabalho, educação e assistência social. Mas esse governo, num país sem tradições democráticas, era ameaçado pelo caos deixado pela I Guerra e pelas pressões do extremismo reacionário. A crise sócio-econômica fazia parte desse quadro (hiperinflação, desemprego etc.).

É, então, em meio a esse cenário que Brecht escreve a Teoria do Rádio. A Alemanha vivia uma nova experiência de uma perspectiva de transformação social enorme, o país recém derrotado de uma Guerra, foi obrigado a assinar um tratado que o limitava em termos de força militar e portanto, um país entregue aos civis, coisa não muito comum nessa época.

Em 30 de Janeiro de 1933, Adolf Hitler, eleito democraticamente, presta juramento oficial como Chanceler na Câmara do Reichstag perante o aplauso de milhares de simpatizantes nazistas.

Em 2 de agosto de 1934, o presidente Hindenburg morre. Hitler apodera-se do seu lugar, fundindo as funções de Presidente e de Chanceler, passando a se auto-intitular Líder (Führer) da Alemanha e requerendo um juramento de lealdade de cada membro das forças armadas. Esta fusão dos cargos, aprovada pelo parlamento poucas horas depois da morte de Hindenburg, foi mais tarde confirmada pela maioria de 89,9% do eleitorado no plebiscito de 19 de agosto de 1934 e o nazismo totalitário foi implantado.

Com a sua oratória e com todos os meios de comunicação alemães sob o controle do seu chefe de propaganda, o Dr. Joseph Goebbels, ele conseguiu convencer a maioria dos alemães de que era o salvador contra a Depressão, os Comunistas, o tratado de Versalhes, e os judeus.

O rádio foi o meio mais eficiente de divulgação da visão de mundo nacional-socialista e procurava transmitir aos seus ouvintes a celebração do regime e o apaziguamento dos conflitos através de programas cujo conteúdo era completamente apolítico.

O número de receptores de rádio chegava a 5 milhões, o que pressupunha uma

audiência potencial de 15 milhões de pessoas. A elas chegavam as mensagens que o governo difundia, com seu próprio estilo e estratégia.

“Hitler já havia escrito sobre o rádio, nos anos 20, em seu livro Minha Luta: “É uma arma terrível em mãos que saibam usá-la. Hale considera que os nazistas foram os primeiros que perceberam e desenvolveram o uso do rádio como meio de propaganda ideológica” (HALE, 1979, p.11).

Em todas as partes do mundo o Estado cria maneiras de controlar e regular a fabricação e a produção dos conteúdos, vendo nesse meio uma questão de segurança nacional.

Vamos à internet

Internet são computadores em rede dispersos pelo mundo que trocam dados, e mensagens utilizando uma mesma linguagem ou protocolo.

A internet nasce no final dos anos 1960, durante a Guerra Fria, por iniciativa do Departamento de Defesa americano, que queria dispor de um conjunto de comunicação militar entre seus diferentes centros. Uma rede que fosse capaz de resistir a uma destruição parcial, provocada, por exemplo, por um ataque nuclear.

O pesquisador Paul Baran concebeu um conjunto que teria como base um sistema descentralizado para evitar que possíveis ataques causassem a perda irreparável de documentos do governo.

Ele pensou em uma rede tecida como uma teia de aranha (web, em inglês), na qual os dados se movessem buscando a melhor trajetória possível, podendo “esperar” caso as vias estivessem obstruídas.

Nos anos 2000 a tecnologia evolui muito e os computadores ficam cada vez mais baratos, se tornam realmente pessoais e se popularizam gerando grande demanda por conteúdos e serviços na web.

Assim, são fundados grandes portais, como AOL e Yahoo, salas de bate-papo e mensageiros instantâneos, como o ICQ e o mIRC, os serviços de e-mail gratuitos, como o Hotmail, e, claro, sites de busca, como Google e Cadê.

O comando da internet é dos EUA que regula a questão técnica e garante a liberdade na web. Esse comando está sendo questionado por algumas nações, tanto que a China, com o argumento de que seu povo possa aprender os ideogramas, em vez de palavras

do alfabeto latino, criou sua própria rede, que é diretamente controlada pelo governo e que associa censura e controle de acesso. Isso pode, talvez rapidamente, ser copiado por nações fechadas e não democráticas. A consequência seria a fragmentação da internet em múltiplas redes incompatíveis, fazendo dela uma babel.

O número de internautas já passa de 2 bilhões, ou seja mais de um terço da população do planeta. Estamos em grande progresso da informática, audiovisual e das telecomunicações o que vem permitido a introdução de novos produtos e serviços na chamada “web 2.0”. Essa segunda geração se caracteriza por suas aplicações interativas (blogs, wikis, sites de compartilhamento de fotos e vídeos ou redes sociais), que renovaram a relação entre os usuários e os serviços de internet, criando o que se chama de cultura compartilhada em rede.

Com a chegada da web 2.0 e a facilidade de conexão nos smartphones, a demanda por conteúdo só cresce e a necessidade de estar 100% conectado 24 horas por dia 7 dias da semana se tornou hábito.

Estamos em plena convergência das mídias para a Internet em que assistir televisão, ouvir rádio, entrar no Facebook, mandar uma mensagem e ligar para o seu amigo se tornou tudo “ao mesmo tempo”, do mesmo lugar, sempre conectado.

Conectando “A teoria do rádio” a internet

Nos anos 1920, o rádio não era um aparelho fácil de ser adquirido pela classe trabalhadora, porém gerava grande curiosidade em todos, assim uma grande rede se formou em torno da montagem desses aparelhos. Os operários trocavam esquemas técnicos, publicados em revistas técnicas, que permitiam a montagem de rádios e possibilitando a oportunidade de ouvir e até mesmo transmitir programas.

Esse tipo de entretenimento não somente permitia ao trabalhador exercer uma atividade criativa e compensadora para as horas de lazer, ou seja, que lhe proporcionava prazer e possibilidade de desenvolver-se pessoalmente, bem como lhe possibilitava, pelo simples fato de construir um aparelho de comunicação, ampliar consideravelmente seu interesse pelos assuntos da vida coletiva. A construção de um aparelho de rádio e o prazer de vê-lo em funcionamento, de receber mensagens, produzia nos construtores amadores um sentido de integração na vida coletiva, possibilidade de interferir nela e, em última instância, de atuar politicamente. (MARCONDES FILHO, 1983, p. 29)

Hale considera que no movimento de rádios operárias da época de Weimar, o rádio

não organizou seus ouvintes: estes organizaram a si próprios". E completa dizendo que "no início, para os membros dos radio clubes operários tratava-se, antes de mais nada, de poder ouvir os novos sons". (HALE, 1979, p.28 e 29). A preocupação básica era poder ouvir o novo meio uma vez que o preço do receptor era elevado: construí-lo era uma forma de satisfazer a esta aspiração. A partir deste envolvimento inicial, foram sendo criadas condições para uma participação explicitamente política.

Brecht diz:

Mediante ingerências contínuas, incessantes, para a melhor utilização dos aparatos no interesse da comunidade, temos que estremecer a base social de tais aparatos, discutir seu emprego no interesse dos menos privilegiados. Impraticáveis nesta ordem social, praticáveis em outra, as sugestões, que apesar de tudo representam apenas uma consequência natural do desenvolvimento técnico, servem para a propagação e formação dessa outra ordem. (BRECHT, 2007, p.229)

O que Brecht defende é o total controle do meio por parte do proletário, essa defesa é sectária, claro, pois a classe dominante já domina a produção de tudo e resta aos operários terem sua manifestação cultural garantida por meio do rádio, essa manifestação cultural totalmente permeada pela política poderia levar o proletariado a virar o jogo e transformar a sociedade desigual e subjugada a minoria em uma sociedade mais justa e controlada pela maioria.

Para isso não poderiam depender de aparelhos vendidos no mercado, pois esses já estavam programados para somente serem receptores. O ideal seria construir os próprios aparelhos assim dominar totalmente o processo e em seguida dominar o processo de produção de conteúdo, tornando a participação popular totalmente democrática.

Com o conhecimento da técnica da construção dos aparelhos qualquer pessoa poderia fazer seu próprio rádio e não depender de aparelhos prontos e programados, mas em 1924 é baixado um decreto-lei contra os ouvintes clandestinos. Os aparelhos de uso domiciliar foram obrigados a ter licença e o governo passou a usar os chamados interceptores de onda para interferir e prejudicar a recepção das emissões não-oficiais.

Esse decreto deu uma grande freada na proliferação de aparelhos feitos em casa, não totalmente, mas com o passar do tempo isso acabou por derrubar a prática da montagem do próprio aparelho e a partir de 1930 a rádio já era a porta voz da classe dominante. Em 1932 foi totalmente consolidada com a subordinação de Goebbels da organização nazista do rádio que passa a usá-lo como propaganda dos ideais nazistas e controla totalmente o meio.

Aqui podemos fazer uma ponte do rádio para a internet caso o pensamento de Brecht tivesse seguido sem a ruptura que teve. Teríamos uma história diferente, mas vamos voltar aos anos 20 e pensar no rádio democrático em que todos poderiam receber e emitir programas com relata Brecht

O rádio só tem um lado, quando deveria ter dois. Ele não passa de um dispositivo de distribuição, para um mero compartilhar. Assim, aqui está uma sugestão positiva: transformem esse dispositivo de distribuição em dispositivo de comunicação. O rádio se tornaria, provavelmente, a melhor aparelhagem da vida pública, uma vasta rede de canais. Isso quer dizer, ele seria isso, se soubesse como receber, assim como sabe transmitir, se soubesse como deixar o ouvinte falar, assim como sabe fazê-lo ouvir. (BRECHT, 2007 p.229)

Tecnicamente isso não seria possível teríamos um grande congestionamento de sons e tornando as ondas uma grande babel sem que ninguém pudesse ouvir e ou transmitir nada. Brecht teve uma visão do futuro, como artista estava a frente de seu tempo e o que realmente importava era a ideia de meio com duas vias, a questão técnica deveria ser resolvida por engenheiros ele nos deixou um vírus de que para um meio ser realmente de comunicação deveria ter mão dupla.

Sem saber Brecht falava da internet e novamente nos deparamos com um cenário similar quanto a técnica e de como dominar totalmente o processo para não perder o controle, o mesmo pensamento esta presente em Vilem Flusser em “O universo das imagens técnica”

Não adianta perguntar se o avião a ser construído é ou não realizável. Tais perguntas não são “boas” porque a imagem não permite que sejam respondidas. As cenas mostradas devem ser analisadas em função do programa a partir do qual foram projetadas.

As imagens técnicas são flechas de trânsito que apontam caminhos rumo ao nada. A fim de dar rumo a vidas no próprio nada. E estamos seguindo cegamente, em situação mais e mais dominada por tecnoimagens. Vivenciamos, conhecemos, valoramos e agimos cegamente em função delas – a menos que decifremos o que tais imperativos, tais dedos imperativos estendidos significam; a menos que descubramos os seus programas. (FLUSSER, 2008 p.54)

Os antigos operários que trocavam esquemas de montagens técnicas de rádios nos anos 20 e que foram perseguidos e proibidos de montarem seus próprios aparelhos hoje são chamados de hackers.

Como fala Jérémie Zimmermann (cofundador e porta-voz do grupo de apoio aos cidadãos La Quadrature Du Net organização europeia que defende o direito ao anonimato online) em Cypherpunks “Um hacker é um entusiasta da tecnologia, alguém que gosta de saber como ela funciona, não para ser preso nisso, e sim para fazer do mundo um lugar melhor.”

(ASSANGE, 2013 p.85)

Para Castells a Cultura Hacker tem como princípio a liberdade das ações na Internet e a autonomia dos usuários, ou seja, ausência de relações com instituições.

Os hackers são propositadamente confundidos com invasores de rede criadores de vírus que afetam as máquinas pelo mundo afora, mas a cultura hacker age para que a informação, cultura e conhecimento circulem livremente.

Como lá nos anos 20 o que se pretendia era uma nova sociedade mais justa socialmente, hoje o que se busca é uma nova ética da cooperação, do compartilhamento com transparência o que poderia ser chamada de pós-capitalismo.

... com nossas inovações temos que impulsioná-las para sua missão básica. Portanto, a favor das inovações, contra a renovação! Mediante ingerências contínuas, incessantes, para a melhor utilização dos aparatos no interesse da comunidade, temos que estremecer a base social de tais aparatos, discutir seu emprego no interesse dos menos privilegiados. Impraticáveis nesta ordem social, praticáveis em outra, as sugestões, que apesar de tudo representam apenas uma consequência natural do desenvolvimento técnico, servem para a propagação e formação dessa outra ordem (BRECHT, 2007 p.232).

Brecht pensa o meio a serviço do social, das causas da maioria e prega uma mudança na ordem social um novo modelo de governo, uma nova ideologia e propõem tomar o poder para que essa nova ordem se instale. Fazendo um diálogo com a internet podemos discutir como a internet realmente poderia estar a serviço do social.

Como estamos no meio desse momento histórico é muito difícil identificar o que realmente esta na vanguarda desse movimento, porem temos alguns indícios.

Poderia ser a cultura hacker que prega o Software livre colocando os usuários em primeiro lugar e conceder-lhes a liberdade de controle na execução e adaptação a sua computação e processamento de dados às suas necessidades (concessão plena liberdade de controle e independência, através da disponibilidade de código fonte para análise e alterações); bem como permitindo-lhes a liberdade social, para ser capaz de cooperar ativamente com todos os usuários e desenvolvedores de sua escolha.

Os usuários de software livre estão livres dessas atividades, porque eles não precisam pedir qualquer permissão, eles não estão restritos nas atividades por meio de licenças proprietárias restritivas (por exemplo, cópia restrita), ou requisitos de ter de concordar com as cláusulas restritivas dos outros (por exemplo, acordos de não divulgação), e eles não estão restritos desde o início (por exemplo, através deliberada a não disponibilidade

de código fonte). Assim deixando na mão do usuário todas as decisões, isso dá liberdade e individualidade permitindo que este programe da maneira que preferir mantendo o controle da ferramenta, caso contrário, teremos uma liberdade fantasiosa, dada pelos softwares fechados e normalmente utilizados pela maioria, pois eles estão programados para fazer somente o que eles estão programados dando a sensação de estar na mão do usuário, fazendo com que ele se imagine no controle, como Flusser previu que poderia ser,

A forma até agora insuspeita de liberdade será a da deliberação no interior de um programa. Pois dizer isto é a um tempo articular utopia e utopia negativa, porque tal forma insuspeita de liberdade pode perfeitamente virar dialeticamente escravidão tão totalitária que ninguém mais se ressentirá de falta de liberdade.(FLUSSER, 2008 p.38)

Se no passado se discutia o controle da mídia e estávamos falando de conteúdo hoje podemos discutir o controle do pensamento, o que pode estar em curso é a programação de todos por meio dos programas que tudo esta previsto e programado e isso em uma escala jamais vista, pois é possível o monitoramento em massa e por meio de algoritmos prever o que vai acontecer ou interferir para que aconteça o que quem controla quer.

Todos os movimentos, de todos, são monitorados em toda parte do mundo e esse monitoramento esta concentrado em poucos locais/países/empresas que não pretendem perder a hegemonia, o que é natural.

Considerações finais

O objetivo deste estudo é responder se:

A internet seria o que Brecht sonhava como meio de comunicação?

Difícil responder a questão durante o processo desse meio de comunicação que esta revolucionando a maneira de viver, trabalhar, se divertir e claro vai mudar a forma de poder de que maneira ainda não temos a resposta, mas o legado que Brecht nos deixou é viral e permeia boa parte da discussão atual da internet, como no trecho que mais parece recortado de um artigo da Wired (revista que aborda questões envolvendo a tecnologia e sua influência sobre a sociedade, cultura, economia e política).

Nossa ordem social é anárquica – se pode imaginar-se sua anarquia de ordens, isto é, uma confusão mecânica sem relação mútua de complexos em si amplamente ordenados da vida pública. Neste sentido, nossa ordem social anárquica torna possível que se façam e se desenvolvam inventos que hão de conquistar, primeiro, seu mercado, sua razão de ser. Em uma palavra, inventos que não se fazem por encargo. Assim pôde a técnica estar preparada para recebê-

la. Não era o público que esperava o rádio, mas o rádio que esperava o público; e para caracterizar com mais exatidão ainda a situação da radiodifusão, digamos que não era a matéria-prima que, em virtude de uma necessidade pública, esperava métodos de fabricação, mas que são os métodos de fabricação que andam procurando, angustiados, uma matéria-prima. De repente se teve a possibilidade de dizer tudo a todos, mas, olhando bem, não se tinha nada para dizer. E quem eram todos? (BRECHT, 2007 p.227)

Na visão do futuro de Brecht as invenções que ninguém imaginava que precisasse, o rádio não era esperado pelo público e sim o rádio que esperava o público, assim como diversos gadgets dos nossos dias, e passado pouco tempo ninguém pode viver sem esses inventos.

Quando se fala do conteúdo e da possibilidade de se dizer tudo a todos e não ter o que dizer e tampouco saber quem são esses todos, se parece muito com alguns críticos da internet que pactuam do mesmo pessimismo, do que vale ter esse veículo que permite falar com todo mundo, se não estamos preparados para dizer nada, se tudo que temos é reprodução e nada autêntico, porem temos posição frontalmente contrária em Flusser

O homem individual será incapaz de criar informação nova. O tempo do indivíduo criador, do autor, do Grande Homem, o tempo da inspiração, da aura gloriosa, pertence ao passado. O que equivale a dizer que “história”, no sentido exato, pertence ao passado. Mas no significado novo de “criatividade”, no significado de produção dialógica de informação eternamente reproduzível (e eternamente memorável), o tempo da criatividade está apenas raiando. Estamos no limiar de aventuras, de situações imprevistas, de situações criadas disciplinadamente (FLUSSER, 2008 p.107)

Aqui podemos notar a nova era em que o conteúdo autêntico será como colagens ou adaptações e readaptações e de uma construção coletiva e em permanente elaboração.

Politicamente ele está falando dos dias atuais em que a nossa ordem social é anárquica. Parece que nenhum sistema político ou partido é capaz de representar a população, a ideia de nação se não se dá mais por meio de fronteiras geográficas, a identidade nacional que caracteriza um povo se fragmenta em tribos espalhadas pelo mundo, as fronteiras são digitais de comportamento e não mais de língua e costumes regionais o maniqueísmo de antes de opressores e oprimidos, de poderosos e fracos, de produtores e consumidores, de bem e mal não responde mais a realidade digital como dito por Flusser “...semelhantes cálculos acabarão com todos os nossos conceitos políticos, com todos os nossos modelos de governo, de poder de domínio, a começar pelo judaico-cristão e chegando ao marxistas. Esses modelos se tornarão inadequados para a captação da sociedade telemática emergente, simplesmente porque todos os nossos conceitos e modelos políticos são frutos da distinção entre ativo e

passivo. Eles pressupõem atores e sofredores, agentes e pacientes.”

Podemos pensar nas palavras de Gramsci,

A partir do momento em que um grupo subalterno se torna realmente autônomo e hegemônico, suscitando um novo tipo de Estado, nasce concretamente a exigência de construir uma nova ordem intelectual e moral, ou seja, um novo tipo de sociedade e, portanto, a exigência de elaborar os conceitos mais universais, as armas ideológicas mais sofisticadas e decisivas (GRAMSCI, 2001 p.169)

A nova ordem social será estabelecida sobre novas bases, do controle dos programas, do poder descentralizado e fragmentado, que se forma para determinada demanda e se desfaz assim que terminado e se reorganiza para outra missão assim sucessivamente. Parece anárquico? Sim, assim como a web, lembrando que a web foi concebida para ser um sistema descentralizado para evitar que possíveis ataques causassem a perda irreparável de documentos, assim, o poder estará na rede e será da participação, do compartilhamento e da transparência.

Caso contrario, entraremos em uma era da total dominação e de controle de tudo e de todos e pior, sem que ninguém se dê conta disso, apenas apertando botões e tendo a ilusão de ter decidido o que fazer quando na verdade apenas foram feitas escolhas de algo já programado.

Referências

ASSANGE, Julian. **Cypherpunks**. São Paulo: Boitempo, 2013

FLUSSER, Vilém. **O Universo das imagens técnicas**. São Paulo: Annablume, 2008

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999-2002

HALE, Julian. **La radio como arma política**. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O discurso sufocado**. São Paulo: Loyola, 1982.

Swetlana Ortriwano, Gisela **A interativa teoria do rádio**

<http://www.mc.gov.br/acoes-e-programas/radio-digital/44-historia-das-comunicacoes/22465-historia-da-radiodifusao> acessado em 22/07/2013

<http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2013/04/internet-completa-44-anos-relembre-historia-da-web.html> - acessado em 26/07/2013

<http://sobre.uol.com.br/historia/historia.jhtm> acessado em 26/07/2013

